



DEUS EM NIETZSCHE: ATRIBUTO DA NACIONALIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES MORAIS

GOD IN NIETZSCHE: ATT NATIONALITY AND THEIR IMPLICATIONS MORAIS

STIGAR, Robson¹
RUTHES, Vanessa²

RESUMO

Em sua análise acerca da moralidade, Nietzsche, pretende efetivar uma análise acerca do conteúdo valorativo das designações bom e mau, para que posteriormente, possa efetivar uma crítica a estes. Percebe que as designações estão intimamente ligadas à Vontade de Poder dos diferentes povos existentes nas diferentes épocas. Para que tais permaneçam exalta a necessidade da existência uma realidade divina que conjugue em si a Vontade Própria da nação, efetivando um movimento de afirmação da vida, por meio da moral. Sendo importante afirmar que este conceito é fruto da influência de Dostoiévski, o texto pleiteará demonstrar a importância de tal constatação para o desenvolvimento da análise nietzschiana e sua posterior crítica.

Palavras-chave: Genealogia. Moral. Religião. Valor. Vontade de Poder.

ABSTRACT

In his analysis about the morality, Nietzsche, intends to carry out an analysis of the evaluative content of the good and bad names, in that subsequently can effect a criticism of these. Realizes that the names are closely linked to the Will to Power from different people existing at different times. For these remain exalts the need to have a divine reality that combines in itself the Own Will the nation, effecting an exclamation movement of life, through the moral. Being important to state that this concept is the result of the influence of Dostoevsky, the text will plead demonstrate the importance of such a finding for the development of nietzschiana analysis and subsequent criticism.

Keywords: Genealogy. Moral. Religion. Value. Will to Power.



Introdução

No terceiro período de seus escritos³, Nietzsche, empreende uma análise acerca da moralidade, visando examinar minuciosamente o conteúdo desta, o valor dos valores. Para tal empreendimento era necessário um método, ao qual denominou de genealógico⁴, que concebesse a moral como uma criação humana, e não como um dado efetivo, absoluto e inquestionável. Pois esta concepção, além de velar o conteúdo moral, considera-a como única, impossibilitando, desta maneira, todo e qualquer questionamento.

Assim, o que Nietzsche pretende é um rompimento com a visão metafísica de mundo, e conseqüentemente com toda a tradição filosófica defensora desta visão, pois procurou somente doar à moralidade um pressuposto, mas “a moral mesma era tida como dada”⁵.

³ Está-se utilizando a divisão didática defendida por Scarlett Marton que leva em consideração três fases na obra de Nietzsche que compreendem respectivamente os anos de 1870-1876, 1876-1882 e 1882-1888. Sendo que a primeira fase é caracterizada pela crítica a desacerbada racionalização da cultura ocidental, desnaturalizando o agir do homem, na segunda fase empreende uma crítica a todo o preconceito moral gerado por esta visão unilateral. E enfim no terceiro período empreende uma crítica a este tipo de moral, ao valor que expressa, com vistas a proporcionar a possibilidade de uma transvaloração, uma saída do estado antinatural posto, para uma forma de valoração cujo pressuposto seja a afirmação da natureza humana. (Cf. MARTON. S. Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos. São Paulo: Brasiliense, 1990. pp. 23-27).

⁴ Etimologicamente a palavra genealogia é composta por dois radicais gregos: *gênos*, que significa nascimento, origem, e *logos* conhecimento, estudo. O que visa não é encontrar uma origem primeira à moral, mas desvelar como se deu a construção dos diferentes tipos morais encontrados na história humana.

⁵ NIETZSCHE. F. Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. §186. (doravante ABM)

O tempo e o Espaço: Além do bem e do mal

Para tanto defende a necessidade de inscrever a moral e o homem que a cria, em um tempo e espaço, pois se, se leva em consideração estas duas realidades o que se apreende não é “o segredo essencial e sem data” da moralidade, “mas o segredo de que ela não tem essência”, em outras palavras, de que sua pretensa “essência foi construída peça por peça”⁶.

Pois tendo um tempo e um espaço a moral se acha relacionada com a “organização social dos indivíduos”, sendo possível afirmar que, “em diferentes sociedades existiam diferentes [tipos] morais”⁷. E concebendo a moral como múltipla e perspectiva, é que Nietzsche pode efetivar sua crítica, pois o conhecimento de vários povos, tempos e eras, faz com que ascenda à consciência a existência de várias morais, e é pela comparação destas que os verdadeiros problemas surgem⁸.

Inicia sua análise perguntando pelo valor dos valores: “sob que condições o homem inventou para si os juízos de valor *bom* e *mau*?”⁹ E descobre que estes nada mais são que uma *transformação conceitual*: “que, em toda parte *nobre*, *aristocrático*, no sentido *social*, é o conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu o *bom* [...] [e que] um desenvolvimento sempre corre paralelo àquele, outro que faz plebeu, comum, baixo transmutar-se finalmente em ruim.”¹⁰

Contudo, nos diferentes povos, as designações *nobre* e *plebeu*, receberam

⁶ FOUCAULT, M. Nietzsche, a genealogia e a história. In: Microfísica do Poder. 11 ed. trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1995. p. 18.

⁷ MARTON, 1990, p. 69.

⁸ Cf. ABM. 186.

⁹ NIETZSCHE. F. Genealogia da moral: uma polêmica. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Pr. 3. (doravante GM)

¹⁰ GM. I, 4.



atributos diferentes, conforme o caráter desta sociedade, diante do seu contexto social e cultural.

Assim, para os gregos pré-socráticos, nobre significava veraz, que tem realidade, verdadeiro, e plebeu seria o mentiroso, o falso; para os romanos a bondade e a nobreza de um homem estavam ligadas ao seu espírito guerreiro, em contraposição ruim seria o covarde que tem medo de se expor à contraposição, ao combate.

Percebe-se assim que os valores morais estão intimamente ligados com as relações de dominação, a expressão da Vontade de Poder dos povos¹¹. Contudo segundo as análises de Nietzsche, para que não haja uma descaracterização dos povos, graças a influência de Vontades de Poder com um quantum maior de força, é necessário um modelo que a sintetize, tornando-se assim, expressão máxima da força do povo e a base de sustentação desta sociedade.

Esta síntese não pode ser efetivada por princípios racionais, nem por científicos pois estes não são capazes de definir valores¹² que se perpetuem; não possuem correlação íntima com as vontades de poder, se constituindo uma imposição. Como Nietzsche afirma estes dois princípios “tem concluído em favor da força brutal”¹³.

Tem-se desta forma a necessidade da criação de uma realidade que possua em si não somente as Vontades de Poder conjugadas, mas que exerça uma relação de dependência na qual o povo encontre a afirmação necessária para a vida.

¹¹ Cf. ABM. 19. “moral, entenda-se como a teoria das relações de dominação sob as quais se origina o fenômeno vida”.

¹² Sendo que esta afirmação auxilia em uma compreensão mais efetiva da crítica nietzscheniana à pretensão iluminista que doava à racionalidade caráter de legisladora, esta não legislava, mas fundamentava a moralidade.

¹³ NIETZSCHE.F. Fragmentos finais. Trad. Flávio Kothe Brasília: UNB, 2002. 11(346), p. 204. (doravante FF.) “a conclu en faveur de la force brutale.”

Esta realidade, segundo Nietzsche, é expressa pela divindade, pelo Deus que cada sociedade estruturou para si¹⁴, que é ao mesmo tempo onipotente – pois é o conjunto de toda a força, pela qual o povo tem condições de se afirmar enquanto clã – e onisciente – pois é o conjunto de todo o saber do qual emana as leis morais, as designações de valor.

É mister ressaltar que esta concepção de Nietzsche, é resultado da influência da leitura do romancista russo Fiódor Dostoiévski, que influenciado principalmente pelos problemas políticos da Rússia do século XIX, exalta a necessidade da união do povo em torno de seu Deus, de seu personagem sintetizador.

A questão da Verdade e da Felicidade

Cabe aqui assinalar que os problemas anteriormente citados dizem respeito à noção de *Pradva*, em russo, verdade. Esta não se refere somente à questão epistemológica, mas também à crença do povo russo de que a bem-aventurança, a felicidade, seriam vivenciadas não em uma vida pós-morte, mas na própria vida terrena.

Sendo que a efetivação desta felicidade seria responsabilidade do Czar, contudo ao longo do tempo, a esperança do *Pradva*, começou a se exaurir, pois se percebeu que o governante russo, não tinha meios de efetivação deste. Por este motivo é que surgem movimentos revolucionários e reacionários na Rússia do século XIX, criando um ambiente de incerteza e instabilidade, no qual nasce a obra de Dostoiévski.

Em seu romance, *Os Demônios*, há uma passagem¹⁵, que posteriormente será

¹⁴ Cf. FF. 11 (346), p. 204. “Deus é o personagem sintetizador de todo um povo, considerado seu começo até o seu fim.”

¹⁵ Cf. DOSTOIÉVSKI, F. Os demônios. In: obras completas, vol. III. Trad. Natália Nunes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. II, 1, VII. pp. 997-1003. (Doravante OD.) Que narra o diálogo de



reescrita por Nietzsche¹⁶, na qual exalta a necessidade de uma divindade sintetizadora para que a integridade do povo russo seja mantida. Sua concepção é tão firme que quando há o questionamento sobre a crença ou não em Deus, afirma categoricamente, pela boca de um de seus personagens, Chatov: “Creio na Rússia, na sua ortodoxia”¹⁷. Da mesma forma, Nietzsche fala da crença em um Deus próprio, singular que proporcione “a afirmação incansável e constante de sua existência e negação da morte”¹⁸.

Um povo que ainda acredita em si possui, além disso, um Deus que lhe é próprio. Venera nesse Deus as condições que o tornaram vitorioso, as suas virtudes – projeta a sensação de prazer que a si próprio se causa, o seu sentimento de poder, num ser a quem por isso pode dar graças.¹⁹

Se se efetivar uma análise dos povos antigos e de sua estrutura social perceber-se-á uma relação muito estrita entre o caráter da sociedade e do deus que esta venera. Os gregos e os romanos, por exemplo, eram povos de caráter expansionista, tanto no que diz respeito à política quanto no conhecimento, buscavam uma constante afirmação e auto-superação. Seus deuses proporcionavam isto, auxiliando quando necessário, castigando também, abrindo sendas para se encontrar o almejado, ou as fechando. Era em última análise a expressão da própria natureza humana movida pela dinâmica da Vontade de Poder.

Contudo há um povo, os judeus, cuja

Chatov e Srtavróguim acerca da necessidade de uma identificação valorativa para um povo.

¹⁶ Em um fragmento póstumo intitulado: “*Deus como atributo da nacionalidade*”. In: FF. 11 (346), p.204.

¹⁷ OD, p. 1002.

¹⁸ FF. 11 (346), p. 204.

¹⁹ NIETZSCHE. F. O Anticristo: ensaio de uma crítica ao cristianismo. Trad. Pedro Delfim Pinto dos Santos. Lisboa: Guimarães, 1988. §16. (Doravante, AC.)

história peculiar auxilia demasiadamente na compressão da correlação entre este, a divindade e os valores morais. Pois quando teve abalada sua estrutura moral pela corrupção interna dos costumes e das instituições proporcionando a deterioração dos pressupostos sociais; e sua estrutura política, pela perda da liberdade efetivada pela conquista assíria, e o posterior desterro de uma parcela do povo, necessitou de novos pressupostos, valores, que permitissem a sua sobrevivência enquanto nação.

Para tanto era necessário uma mudança na sua noção divina²⁰, pois a “antig[a] já nada podia do que nos outros tempos pudera [...] Yahweh, o Deus [dos Exércitos], da Justiça – já não mantém a sua unidade com Israel, já não é a expressão do orgulho de um povo”²¹.

Abalado, escravizado e dividido, o povo judeu necessitava de valores que os identificassem como tal, sendo que para tanto estes foram deslocados para um plano espiritual, “transcreveram em um sentido religioso todo seu próprio passado nacional”²². Yahweh não é mais aquele que age efetivamente em favor de Israel, mas é aquele que julga os atos bons e maus, e premia com a bem-aventurança a quem realiza sua Vontade.

Que se contrapõe a tudo de mau que fizeram a seu povo, em outras palavras, os judeus efetivam uma inversão valorativa, pois a força e o vigor que eram valores positivos se tornam negativos, e a compaixão e a humildade que eram negativos, agora se tornaram positivos. Com um Deus e valores espiritualizados, os judeus mantiveram como nação apesar do desterro.

Compreendida a relação entre povo,

²⁰ Cf. AC. 16. “quando um povo perece; quando sente desaparecer para sempre a sua fé no futuro, a sua esperança na liberdade; quando a submissão lhe parece ser necessária; [...] então é preciso também que o seu Deus se transforme.”

²¹ AC. 25.

²² AC. 26.



divindade e valores morais, torna-se necessário discorrer acerca de como se efetiva a ruína dos povos por meio da generalização da noção divina. Quando a estrutura social de uma nação começa a ruir, é sinal de que a crença no seu Deus começou a se exaurir, em outras palavras elementos do culto começam a receber novas explicações, e manifestações, perdendo seu caráter próprio.

Quando os cultos começam a se generalizar, a destruição das nacionalidades está próxima. (...) É o sinal da decadência para os povos, quando começam a ter deuses comuns. Quando os deuses se fazem comuns, morrem os deuses, ao mesmo tempo em que a fé neles e que os próprios povos.²³

A medida em que características alheias à Vontade de Poder própria do povo são infiltradas na religião, e consequentemente na moral, já que estas são concebidas como análogas²⁴, este vai perdendo o caráter que lhe era próprio e consequentemente vai-se adquirindo outro até que a nação enquanto tal desapareça. “Cada povo entende [as concepções bem e mal] a sua maneira. Se tais concepções são entendidas do mesmo modo em diversos povos, então eles morrem.”²⁵

Um exemplo desta afirmação é a dinâmica do processo de mundanização do Cristianismo que visava a expansão dos valores cristãos por todos os povos. Para que esta fosse efetiva, utilizou-se a enculturação, eram doados aos valores e cultos bárbaros uma interpretação cristã²⁶. Entre vários exemplos podem ser citados: “o sacrifício dos primogênitos, a ingestão de carne na comunhão, a grande pompa do

culto”²⁷, “a iniciação ritual de uma comunidade de fiéis no conhecimento salvacional das verdades cósmicas, o período preparatório antes da iniciação, cerimônias na madrugada, procissões rituais”²⁸ entre outros.

Desta maneira o Cristianismo acabou por assimilar estas e outras características fazendo com que os diferentes povos acabassem por comungar de uma mesma religião e consequentemente de uma mesma moral, e com o desaparecimento destes a interpretação cristã tornou-se hegemônica no Ocidente.

Quando este fato ocorre, o tipo de moralidade instaurada é negativa, pois os diferentes povos que foram assimilados pelo cristianismo tem que nega-se a si mesmo, em função de um tipo de interpretação de mundo. Eles devem negar tudo aquilo que lhe é mais característico em função de uma apregoada vida pós-morte, na qual há a bem-aventurança. Sendo que isto é próprio de uma religião e uma moral, cujo pressuposto é o ascetismo, no qual

A esfera inteira do vir-a-ser e da transitoriedade é posta em referência a uma existência inteiramente outra, com a qual ela esta em uma relação de oposição e exclusão, a não ser que eventualmente se volte contra si própria, negue a si mesma: neste caso, no caso de uma vida ascética, a vida vale como uma ponte para aquela outra existência [...] no malograr, no enfezar, na dor, no desastre, no feio, na penitência voluntária, na negação de si, na auto-flagelação, no auto-sacrifício, uma satisfação é sentida e procurada.²⁹

E é exatamente à este tipo de moral que Nietzsche empreende sua crítica, pois

²³ FF. 11(346), p. 204; OD. II, 1, VII. p. 1000.

²⁴ Cf. FF 11(346), p. 204; OD. II, 1, VII. p. 1000.

“Nunca se encontrou um povo sem religião, isto é, sem os conceitos de *bem* e *mal*.”

²⁵ FF 11(346), p. 204.

²⁶ Cf. AC. 22, 37.

²⁷ AC. 22.

²⁸ TARNAS, Richard. *A Epopéia do Pensamento Ocidental: Para compreender as idéias que formaram nossa visão de mundo*. trad.: Beatriz Sidou. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 129.

²⁹ GM. III, 11.



em vez de proporcionar o crescimento e a elevação do homem, enquanto tal, visa torná-lo doentio, domesticado³⁰, para que um tipo de Vontade de poder, a vontade de nada cristã continue a imperar sobre o mundo. Um Deus triunfou sobre os demais, agora é necessária a morte deste Deus³¹ para que enfim surja uma possibilidade do homem criar valores que gerem uma afirmação da vida.

Considerações Finais

Em sua análise acerca da moralidade, Nietzsche, pretende efetivar uma análise acerca do conteúdo valorativo das designações bom e mau, para que posteriormente, possa efetivar uma crítica a estes. Percebe que as designações estão intimamente ligadas à Vontade de Poder dos diferentes povos existentes nas diferentes épocas

Referências

DOSTOIÉVSKI, F. **Os demônios**. in: obras completas, vol. III. Trad. Natália Nunes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

FOUCAULT, M. **Nietzsche, a genealogia e a história**. In: Microfísica do Poder. 11 ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

GIACÓIA, O. **Labirintos da Alma: Nietzsche e a auto-supressão da moral**. Campinas: UNICAMP, 1997.

MARTON, S. **Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **O Anticristo: ensaio de uma crítica ao cristianismo**. Trad. Pedro Delfim Pinto dos Santos. Lisboa: Guimarães, 1988.

_____. **Fragmentos finais**. Trad. Flávio Kothe Brasília: UNB, 2002.

_____. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TARNAS, Richard. **A Epopéia do Pensamento Ocidental: Para compreender as ideias que formaram nossa visão de mundo**. Trad.: Beatriz Sidou. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

³⁰ Cf. GM. III, 13. “Que ele tenha podido dispor e apoderar-se dos homens da maneira como a história ensina, em especial onde se impôs a civilização e domesticação do homem, nisto se expressa uma grande realidade: a condição doentia do tipo de homem até agora existente, ao menos do homem domesticado [incapaz de agir por si, que necessita sempre do algo ou de alguém que o direcione(Nietzsche. F. A gaia ciência. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2002. §347. Doravante GC.)]”

³¹ Cf. GC. 125. “Nada sentimos ainda do cheiro da decomposição divina? – também os deuses se decompõem! Deus morreu! Deus morreu! Deus permanece morto!”